

Vigiai e Orai



Estudos

www.fatima.pt/documentacao

SOVERAL, Maria do Rosário –
Vigiai e Orai. Em VAZ, Carla Abreu,
coord. – *Santificados em Cristo:
Itinerário Temático do Centenário
das Aparições de Fátima*: 5.º ciclo.
Fátima: Santuário de Fátima, 2014.
p. 125-136.

Maria do Rosário Soveral

*Israel espera pelo Senhor
porque nele há misericórdia e com Ele é abundante a redenção.*

Salmo 129, 7

Vigiai e orai... A oração e a vigilância são atitudes que nascem no cristão a partir do seu seguimento de Jesus. Com efeito, nos Evangelhos a oração de Jesus tem um grande relevo: procurava os lugares desertos, durante a noite e de manhã cedo, (cf. Mt 14, 23; Mc 1, 35; 6, 46; Lc 5, 16). A oração de Jesus acompanha momentos importantes da sua vida: o Batismo recebido de João (Lc 3, 21-22); antes de escolher os Doze (Lc 6, 12-13); na Transfiguração (Lc 9, 28-29); e na noite em que foi entregue «como de costume, dirigiu-se ao Monte das Oliveiras» (Lc 22, 39) e, antes de se distanciar dos discípulos, Jesus Cristo interpelou-os: «Vigiai e orai, para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é débil» (Mt 26, 41).

O apelo de Jesus Cristo à oração e à vigilância, nessa noite de pavor, angústia e tristeza até à morte vividos pelo Senhor (Mt 26, 38; Mc 14, 33-34; Lc 22, 44-46), permanece até hoje e acentua uma dimensão essencial na oração: o reconhecimento da fragilidade pessoal, da necessidade que se tem da graça de Deus, que não só se revela na brisa suave, como a Elias, no monte Horeb (1Rs 19, 9-17) como também no combate de Jacob com o anjo (Gn 52, 24-30)¹.

¹ Cf. LOUTH, Andrew – Oração. In *DICCIONÁRIO Crítico de Teologia*. Dir. Jean-Yves Lacoste. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 1285.

A oração e a vigilância face à tentação são um apelo dramático à liberdade do homem para hoje e sempre se mudar a si mesmo, para transformar o mundo e alterar o curso da história².

1. A ATUALIDADE DA MENSAGEM DE FÁTIMA: ORAÇÃO, VIGILÂNCIA E CONVERSÃO

A Mensagem de Fátima, com o seu apelo à vigilância e à oração, mantém-se atual face à conflituabilidade que, surgida no século XX, se mantém até hoje, repercutindo-se no sofrimento de toda a humanidade e num vasto martírio cristão como o revela o segredo de Fátima³, tão atual no século XXI.

Por outro lado, atualmente, a existência humana decorre numa sociedade febril, centrada no “fazer” e no “produzir”, e o homem tem sido conduzido à desvalorização da sua interioridade e da dimensão contemplativa, realidades que constituem o ser humano na sua globalidade⁴ porque a sede de transcendência e a busca do sentido da existência humana são um pulsar constante no homem.

Assim, a vigilância e a oração são atitudes proféticas que perscrutam os “sinais dos tempos” e anunciam os sinais da graça que irrompe, porque é Deus que vai ao encontro do homem, que nele espera, como diz o Salmo 129:

«Eu espero no Senhor! Sim, espero! A minha alma confia na sua palavra. A minha alma volta-se para o Senhor, mais do que a sentinela para a aurora. Mais do que a sentinela espera pela aurora, Israel espera pelo Senhor porque nele há misericórdia e com Ele é abundante a redenção» (Sal 129, 5-7).

A Mensagem de Fátima, no seu apelo à vigilância, à oração e à conversão, proclama que o mundo necessita da graça e da misericórdia⁵ e de orantes que vigiem e anunciem novos céus e novas terras porque «os homens pertencem a um mundo novo, rumo ao qual caminham e que, na sua peregrinação é antecipado»⁶.

2. ORAÇÃO E VIDA TEOLOGAL

A oração é a personalização da vida teologal. Através dela articulam-se a Fé, a Esperança e a Caridade. Com efeito, como escreve São Paulo, «Cristo habita nos nossos corações pela fé» (Ef 3, 17), «Ele é a nossa esperança» (1 Tim 1, 1). Quanto ao amor, não há a mínima dúvida de que nos habita e é participação do amor de Cristo porque todos fomos chamados por Jesus Cristo ao amor. A Fé e o Amor condicionam-se e exigem mutuamente a Esperança que ultrapassa o momento presente e o determinismo possível, abrindo a Humanidade a um tempo novo⁷. Da correlação entre a Fé, o Amor e a Esperança decorre que a oração seja a expressão essencial destas

2 Cf. RATZINGER, Joseph – *Deus e o Mundo*. Coimbra: Tenacitas, 2005, p. 264.

3 Cf. *Ibidem*: «A visão mostra o penoso itinerário de um Bispo vestido de branco (que as próprias crianças identificaram com o Papa) em direção a uma colina coroada por uma cruz; o caminho atravessa uma cidade meio destruída. Bispos, sacerdotes, leigos e, finalmente o papa, são assassinados. Mas o sangue é recolhido pelos anjos e torna-se fecundo para o mundo. Pode ver-se no texto a visão abreviada e apresentada em imagens simbólicas da Igreja dos mártires do século XX; o professor Riccardi, responsável da comunidade de Santo Egídio, num livro sobre os mártires do nosso século que sucumbiram à mercê de vários regimes ditatoriais, mostra de forma impressionante a realidade aqui simbolizada».

4 Cf. ROVIRA BELLOSO, Josep – *Fe y cultura en nuestro tiempo*. Santander: Sal Terrae, 1988, p. 45.

5 Cf. MARTO, António – *Eucaristia e Trindade: A dimensão eucarística na mensagem de Fátima*. In *Humanística e Teologia* 19 (1998) pp. 15-37.

6 BENTO XVI – Carta Encíclica *Spe Salvi*. Lisboa: Paulus, 2007, n. 4.

7 Cf. RATZINGER, Joseph – *Introducción al Cristianismo*. Salamanca: Sígueme, 2005, p. 225.

virtudes: Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus este encontra a felicidade que procura sem descanso, como escreveu São João da Cruz: «Onde é que tu, Amado, te escondeste? É como se dissera: Verbo, Esposo meu, mostra-me o lugar onde estás escondido»⁸.

A oração ensinada pelo Anjo da Paz aos pastorinhos, na sua primeira aparição, em agosto de 1916 exprime essa correlação entre a Fé, a Esperança e a Caridade: «Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam.». Nesta oração pede-se que Deus revele a cada pessoa a sua dimensão de pecado para que, com toda a humanidade pecadora, manifeste na sua oração uma solidariedade salvífica com todos os homens. Está presente a dimensão mística da colaboração do homem na obra que Deus realiza no mundo e do seu projeto histórico-salvífico, o que o leva a dizer: «Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam»⁹.

3. ORAÇÃO E DISCERNIMENTO: O ENCONTRO COM O AMOR DIVINO

A oração conduz à docilidade obediencial da fé pela qual o homem estabelece uma distância crítica em relação a situações, coisas e pessoas que lhe são caras, no desprendimento necessário para a oblação da sua vida a Deus. Gera-se, assim, uma íntima relação entre a oração e a realidade concreta quotidiana, por vezes dura, pessoal e comunitária.

A oração é também a aprendizagem de uma *ars bene vivendi*, percebida no discernimento orante pelo qual o homem encontra no seu quotidiano a epifania de Deus, a qual lhe permite olhar a realidade com um olhar novo e com a convicção de que encontra a vontade de Deus no encontro com o amor divino.

Para esse olhar é fundamental a liberdade espiritual, que brota de fé e conduz à abnegação cristã¹⁰, que reconduz o homem à obediência original que o pecado obscureceu e de que foi redimido por Jesus Cristo. Progressivamente, o cristão centra-se na pessoa de Jesus Cristo¹¹ porque a abnegação tem o seu fundamento teológico na kenosis de Cristo, na sua entrega como Filho de Deus e exprime o amor sem medida e a entrega total de Deus aos homens.

O cristão, escutando o chamamento de Cristo ao seu seguimento, responde-lhe com a sua vida, integrando a sua existência na dimensão redentora e salvífica de Jesus Cristo¹². Por isso, o espírito sacrificial nada tem a ver com uma teologia redutora da expiação, que exige a imolação de uma vítima, para satisfação de um deus vingador¹³, mas está presente na maneira de olhar e viver diferentes etapas da

8 JOÃO DA CRUZ – Noite Escura. In *Obras Completas*. Fátima: Edição do Carmelo de S. José, 1977, p. 574.

9 MEMÓRIAS da Irmã Lúcia. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2000, vol. 1, p. 105: «Os anjos que vimos primeiro exercitaram-nos na fé, na esperança e na caridade e o conteúdo de toda a mensagem é precisamente isso».

10 Cf. RAHNER, Karl – Sobre la teología de la abnegación. In *Escritos de Teología*. Madrid: Cristiandad, 2002, vol. 3, pp. 59-70; HAUSHERR, I. – Abnégation, renoncement, mortification. *Christus* 6 (1959) 182-195; MELLONI, J. – La abnegación, una alternativa para nuestro tiempo. *Manresa* 73 (2001), pp. 412-423.

11 Cf. RATZINGER – *Introducción al Cristianismo*, p. 239.

12 É nessa dimensão redentora que participam os pastorinhos, despertados para ela pelas palavras do anjo, na sua segunda aparição. MEMÓRIAS da Irmã Lúcia, vol. 1, p. 63: «Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão os sofrimentos que o Senhor vos enviar».

13 Cf. MARTO – *Eucaristia e Trindade*, p. 34.

vida humana – uma doença, uma morte inesperada, um fracasso – que apelam claramente à aceitação e à integração pessoal do mistério da Cruz de Jesus.

O desnível entre a finitude do homem e a sua esperança só em Deus transporta o ser humano ao abandono confiante ao Mistério de Deus.

Pelo abandono e pela abnegação o homem diz um “sim” a Deus, sem reservas. A Deus tudo pertence e ao homem é-lhe dada a liberdade para dizer “sim” ou “não”, para amar ou rejeitar. No seu “sim” o homem sai de si próprio, do isolamento do seu pequeno mundo e da sua crispação, e abre-se à solicitude pelos outros e ao Mistério de Deus, no qual é chamado a participar¹⁴. É configurado por uma dimensão sacrificial cujo princípio constitutivo não é a destruição do homem mas sim um princípio de amor que se abre a toda a humanidade¹⁵. Esse amor inclui também a fé, porque a fé e o amor se interrelacionam e exigem a esperança que supera cada momento presente, e ultrapassa qualquer determinismo possível¹⁶.

Assim, a oração conduz o cristão ao descentramento pessoal, fazendo-se cada vez mais disponível para a ação de Deus, numa entrega que se realiza totalmente na Cruz, por amor. Alimenta essa atitude o desejo de uma comunhão e de uma paz que envolvam toda a humanidade «para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra» (Ef 1, 10).

4. DA VIGILÂNCIA À ADORAÇÃO

O homem, pela oração, é aquele que se ocupa sempre do mistério santo cujo horizonte dá sentido à existência humana e é um permanente desafio ao ser humano. Por isso, se, pela graça o homem acolhe a possibilidade da proximidade absoluta do mistério, acolhe também, humilde e amorosamente, a sua incompreensibilidade¹⁷.

O homem participa assim na intimidade e comunhão com o próprio Deus, o Deus verdadeiro, uno e trino que se revelou plenamente na humanidade de Jesus Cristo, oferecendo-nos o seu amor como doação de si próprio, porque «o mistério de Deus é o mistério do seu infinito amor»¹⁸. É esse amor trinitário que conduz à adoração como mostram as palavras do Anjo: «Santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente»¹⁹.

A adoração exprime a intimidade e a comunhão na relação com Deus, que se manifesta na consola-

¹⁴ Cf. MELLONI – *La abnegación*, p. 420.

¹⁵ Cf. RATZINGER – *Introducción al Cristianismo*, p. 242.

¹⁶ IDEM – *Deus e o Mundo*, p. 264: “Como o demonstra claramente a coerência das três partes da mensagem [de Fátima] o apelo à penitência é central e põe em evidência que a história não se encontra submetida a um determinismo implacável, como se tudo estivesse escrito e definido, mas que uma história de liberdade está ainda por escrever: a penitência pode modificar aquela visão”.

¹⁷ RAHNER, Karl – Sobre la posibilidad de la fe hoy. In *Escritos de Teología*, vol. 5, p. 14: «Porque, que diz propriamente o Cristianismo? Desde o início nada mais diz senão que o mistério permanece mistério eternamente; este mistério, enquanto infinito, enquanto incompreensível, enquanto indizível, chamado Deus, enquanto proximidade que se dá a si próprio na autocomunicação absoluta, que se comunica ao espírito humano».

¹⁸ LADARIA, L. – *El Dios vivo y verdadero: El misterio de la Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1998, pp. 10-11.

¹⁹ Cf. MARTO, A. – *A beleza do rosto trinitário de Deus na Mensagem de Fátima*. Diocese de Leiria-Fátima, 2007, p. 22.

ção sentida inexplicavelmente²⁰ e que engloba não só a oração como a maneira de viver do cristão. Com efeito, a oração não se pode separar de uma vida transformada pela adoração e que determina a sua orientação (Rom 12, 2), porque sempre caminhamos à beira da sarça-ardente²¹.

A participação no mistério santo suscita a consolação, a alegria interior que brotam do amor de Deus. Assim, Jacinta dirá: «Não sei como é! Sinto a Nosso Senhor dentro de mim! Compreendo o que me diz e não o vejo nem oiço; mas é tão bom estar com Ele!»²².

A adoração conduz a uma vivência unitiva da relação com Deus, em que o “dar” e o “comunicar” traduzem a plenitude do amor divino do qual o homem participa pelo dom do Espírito²³. Nessa participação espelha-se o modo divino de amar que consiste em comunicar e fazer o outro participante do próprio amor²⁴, numa dimensão trinitária que a Irmã Lúcia exprime referindo-se a Francisco: «O que mais o impressionava ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma»²⁵.

A oração vigilante conduz à comunhão com Deus, na dimensão de comunhão dos santos, a qual é a negação do isolamento e da rutura e insere o homem numa comunidade salvífica, marcada por um vínculo de solidariedade²⁶ da qual nasce a inquietação do cristão pela salvação da humanidade²⁷.

A oração pode ser ação de graças, como o descobriu a Irmã Lúcia, escutando o conselho de um confessor: «Meu Deus, eu Vos amo em agradecimento pelas graças que me tendes concedido»²⁸; grito, súplica, intercessão: «Doce Coração de Maria, sede a minha salvação!»²⁹; ou pedido de perdão profundo, mas realiza-se sempre em Cristo e em Igreja porque na oração solitária ou comunitária Cristo e a Igreja estão sempre presentes.

Cristo e a Igreja estão presentes no Ofício Divino, na lectio divina, na recitação do Terço onde encontramos uma forma simplificada desta; com efeito, pela contemplação dos mistérios de Cristo, a Encarnação é compreendida na totalidade do seu mistério, da vida e morte de Cristo à sua ressurreição³⁰

20 Cf. *MEMÓRIAS da Irmã Lúcia*, vol. 1, p. 156: «A atmosfera do sobrenatural que nos envolvia era tão intensa que quase não dávamos conta da própria existência, por um grande espaço de tempo, permanecendo na posição em que nos tinha deixado, repetindo a mesma oração. A presença de Deus sentia-se tão intensa e tão íntima que nem mesmo entre nós nos atrevíamos a falar».

21 Cf. *Ibidem*, p. 40: Jacinta dizia: «Custo tanto de dizer a Jesus que O amo! Quando Lho digo muitas vezes parece que tenho lume no peito, mas não me queimo».

22 *Ibidem*, p. 116.

23 Cf. LADARIA, L. – *La Trinidad, misterio de comunión*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2013, p. 123; RAHNER, K. – Amor. In *SACRAMENTUM Mundi: Enciclopedia Teologica*. Dir. Karl Rahner [et al.]. 3.ª ed. Barcelona: Herder, vol. 1, col. 124.

24 *MEMÓRIAS da Irmã Lúcia*, vol. 1, p. 128: «Subimos para o cimo do penedo, onde mal cabíamos os três de joelhos, e perguntei-lhe: – Mas que estás tu [Francisco] aqui a fazer há tanto tempo? – Estou a pensar em Deus que está tão triste, por causa de tantos Pecados. Se eu fosse capaz de lhe dar alegria!».

25 *Ibidem*, p. 131.

26 Cf. BALTHASAR, Hurs von – *Teodramática: Último Ato*. Madrid: Encuentro, 1997, vol. 5, pp. 470-471.

27 Narrando a última etapa de Jacinta, já perto da morte, a Irmã Lúcia cita palavras desta que mostram de que forma a sua oração e a sua vida experimentavam já a dimensão da comunhão dos santos. *MEMÓRIAS da Irmã Lúcia*, vol. 1, p. 47: «Vou amar muito a Jesus, ao Imaculado Coração de Maria, pedir muito por ti, pelos pecadores e pelo Santo Padre, pelos meus Pais e irmãos, e por todas as pessoas que me têm pedido para pedir por elas».

28 *Ibidem*, p. 75.

29 *Ibidem*, p. 111.

30 Cf. MARTO, A. – *Esperança cristã e futuro do homem: Doutrina escatológica do Concílio Vaticano II*. Porto, 1987, p. 65.

e também na Oração de Jesus³¹, cujos traços encontramos na oração dos Pastorinhos, em Fátima, quer numa fase inicial quer posteriormente. Aliás, a Oração de Jesus não só se pode associar à oração do Terço como também à sucessão das invocações “Ave-Maria” e “Pai-Nosso” que os pastorinhos faziam inicialmente e à repetição da oração à Santíssima Trindade que o Anjo lhes ensinou³².

Nas mais variadas formas de oração o cristão faz a experiência cristológica e eclesial de um encontro interior e unificante com Deus, no seu mistério trinitário e numa dimensão eucarística: «Ó santíssima Trindade, eu Vos amo. Meu Deus! Meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento»³³.

5. ORAÇÃO E SOCIEDADE ATUAL: ECUMÉNICA, INTER-RELIGIOSA E DIALOGAL

À multiculturalidade da sociedade contemporânea corresponde um carácter ecuménico e plurirreligioso³⁴. Assim, o cristão tem que estar disposto a despojar-se do sentido de exclusividade ou superioridade na relação com Deus, porque «cada caminho espiritual é, por sua vez, semente e fruto de um modo de conceber Deus, o ser humano e o mundo»³⁵.

Portanto, a oração ecuménica e a oração inter-religiosa manifestam o desejo de comunhão e revelam a intervenção salvífica de Deus em espaços cristãos ou religiosamente diversos do Cristianismo: na variedade das expressões religiosas há a procura da comunhão do homem com aquele que é Tudo em todos, sem exclusividade sincretismos e relativismos³⁶.

A oração ecuménica é um caminho que conduz à conversão dos corações e que nasce de um amor que tem a sua origem no desejo de unidade: Deus que é Trindade e fonte perfeita de comunhão, pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, suscita a comunhão entre pessoas, comunidades e entre os cristãos ainda separados³⁷.

É um facto que a sociedade atual se caracteriza pelo pluralismo, onde as diversas áreas do saber procuram, cada uma com os seus valores próprios, responder à vida e aos desejos humanos. Assim, o homem moderno vive em setores com valores próprios (a vida profissional, a vida familiar, o mundo cultural e religioso, o económico e político...), com interferências e conflitos, quando não com a procura de supremacia hegemónica de um ou outro.

Ao cristão de hoje impõe-se o desafio a um diálogo coerente com setores que não têm uma referência explícita à fé cristã, não sendo possível nem desejável a fuga alienante dessas realidades nem a cris-

31 Cf. IDEM – *Eucaristia e Trindade*, p. 22. A oração de Jesus vem da tradição ortodoxa e caracteriza-se pela repetição de uma frase em que se invoca o nome de Jesus, tendo-se espalhado em todo o cristianismo, sobretudo na vida monástica, mas sendo usada por muitos leigos. Cf. ANONIME – *Récits d'un pèlerin russe*. Paris : Seuil, 1978 ; UN MOINE DE L'ÉGLISE D'ORIENT – *Prière de Jésus*. Paris: Seuil, 1974 ; CLEMENT, Olivier – *La Prière du cœur*. Paris : Seuil; Bellefontaine, 1977.

32 MEMÓRIAS da Irmã Lúcia, vol. 1, p. 20: «O nome que melhor ecoava era o de Maria. A Jacinta dizia às vezes, assim a Ave-maria inteira, repetindo a palavra seguinte, só quando a precedente tinha acabado de ecoar».

33 *Ibidem*, p. 165.

34 Cf. MELLONI, Javier – *Los ciegos y el elefante: El diálogo interreligioso*. Barcelona: Eides, 1998, p. 2; IDEM – *El Uno en lo Múltiple*. Santander: Sal Terrae, 2003.

35 IDEM – *Los Ejercicios Espirituales y la tradición del Oriente*. Barcelona: Eides, 2004, p. 35.

36 Cf. ALEMANY, José Joaquín – *Diálogo interreligioso*. DICCIONARIO de *Espiritualidad Ignaciana*. Bilba: Mensajero; Santander: Sal Terrae, 2008, vol. 1, pp. 558-559.

37 Cf. JOÃO PAULO II – *Carta Encíclica Ut Unum sint*. Braga: Apostolado de Oração, 1995, nn. 21-27.

pação interna que constrói novos muros. Com efeito, os diferentes espaços onde a pessoa se move são suscetíveis de serem considerados como lugares de diálogo que encontra resposta no Evangelho contemplado.

6. MARIA, ÍCONE HUMANO DA ORAÇÃO

Maria, a Virgem Mãe, que tantos invocam como Nossa Senhora de Fátima, é aquela em quem se realizou a plenitude do seguimento, procurando fazer em tudo a vontade do Pai. Maria, medianeira e modelo exemplar, é a precursora da vigilância e da oblação que Cristo pede à sua Igreja e a cada um de nós.

Assim, Nossa Senhora é o modelo exemplar da esperança e da existência cristãs e é aquela que faz da sua vida um permanente ato de entrega confiante, no esquecimento de si própria, porque vive da fé na realização da promessa que nela acontece já em plenitude. Nela manifesta-se o ideal do homem absolutamente redimido, sem pecado, inteiramente santo, entregue totalmente a Deus³⁸, sendo Maria venerada como criatura santa e rosto materno do amor trinitário³⁹.

Na contemplação dos Mistérios do Terço, ao longo dos Evangelhos, Maria está presente desde a Anunciação até ao Pentecostes, silenciosa e discreta, mas atenta às preocupações humanas, como nas Bodas de Caná. Maria está presente ora perante a glória que se manifesta na adoração dos pastores e dos reis do Oriente, ora na dor que a profecia de Simeão já revela até aos pés da Cruz. É aos pés da Cruz que Maria se converte na Mãe daquele discípulo, João (Jo 19, 25-27), e na mãe de todos os discípulos, de todos nós.

Há em Maria a dimensão orante da oblação pela qual se entrega incondicionalmente ao plano salvífico de Deus. Maria entrega-se livremente, numa dimensão obediencial e abnegada ao Deus da Promessa, para a salvação de toda a humanidade. Pela recapitulação de todas as coisas em Cristo, o “sim” de Maria alcança uma plenitude que ultrapassa a dimensão universal para ter uma dimensão cósmica. Com efeito, o livro do Apocalipse (Ap 12, 1) refere-se em primeiro lugar à Igreja, na mulher vestida de sol, mas indiretamente a Maria.

CONCLUSÃO

A fé é dom, mistério, é relação, e pela sua correlação com a esperança e a oração exprime, numa dimensão trinitária, que o homem é, constitutivamente um ser para a transcendência, na orientação permanente da sua vida para o amor pleno que é Deus.

Existindo no mundo, com toda a criação, o homem pode ser tentado a tomar esse mesmo mundo pela revelação definitiva de Deus. No entanto, não só vive num mundo que lhe foi dado como também o constrói, numa relação dialogal com Deus e num imperativo de missão, aos quais correspondem a solidariedade e a inquietação salvífica por toda a humanidade.

38 Cf. FORTE, Bruno – *Maria, la mujer icono del misterio*. Salamanca: Sígueme, 2011, p. 112; LA POTTERIE, Ignace de – *Maria en el misterio de la alianza*. Madrid: B.A.C, 2005, p. 207.

39 Cf. MARTO, A. – *Fátima e a Modernidade: Profecia e Escatologia*. Viseu: Jornal da Beira, 2006, p. 45.

A oração alimenta a missão do homem, na sua cooperação com o projeto salvífico de Deus e é o alimento de todo aquele que opta pelo seguimento de Cristo, no abandono confiante a Deus, na vigília da oração e na sua dimensão intercessora e salvífica.

A oração não encontra na sociedade atual terreno fácil, apesar da multiplicidade de realizações, encontros e grupos a ela dedicados, que exprimem o esforço da Igreja em reconduzir o homem de hoje ao seu desejo essencial: o encontro com Deus, numa comunhão com todos os homens.

É um facto que se manifestam na sociedade contemporânea sinais de um efetivo esforço pela construção da paz e da justiça, o que significa que a sociedade atual, marcada pela angústia experimenta também a urgência da esperança. A inquietação pela necessidade da paz, pelo sofrimento humano, pelo pecado e desequilíbrio do homem, a necessidade de conversão tão presente na Mensagem de Fátima, nas palavras de Nossa Senhora e no coração dos pastorinhos, deve suscitar a mesma inquietação na nossa oração, hoje.

Caminhando à beira da sarça-ardente, como Moisés, é importante que o cristão encontre na oração vigilante, abnegada e reparadora a força e a consolação que o ajudem e encaminhem ao fim para que é destinado: a comunhão com Deus e a proclamação do «que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que as nossas mãos apalparam do Verbo da Vida – porque a Vida manifestou-se e nós a vimos e damos testemunho e vos anunciamos a Vida eterna» (1 Jo 1, 1-2).